

Os Papeis da Gravura de Selma Daffré

(Cidade, Memória e Arte)

Prof. Dr. Adilson José Gonçalves

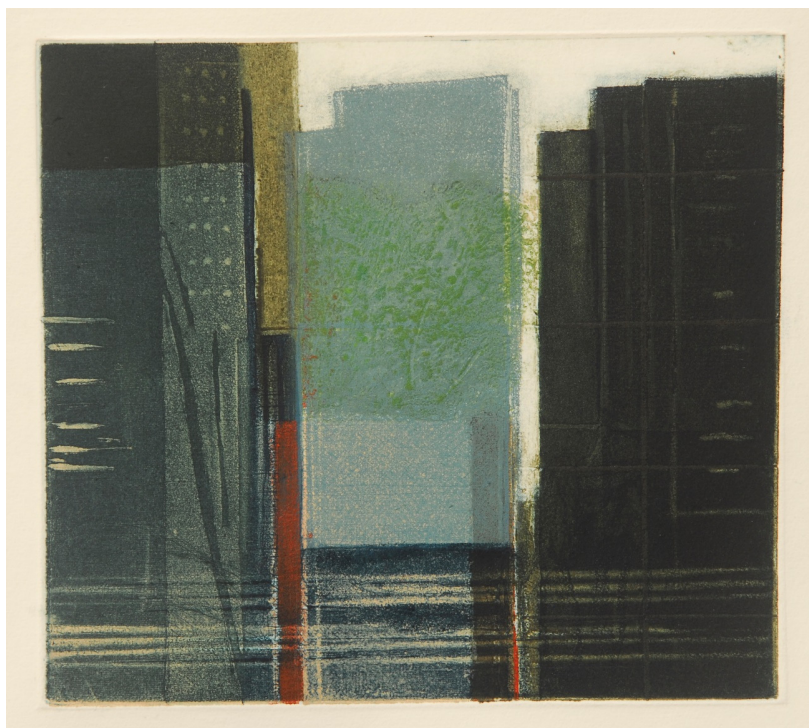


Ilustração 1- DAFFRÉ. *Cidade*, 2014. Prova única II/IX, 27x37 cm.

Construção e desconstrução da cidade, das imagens, da retina, do flash fotográfico, do caminhar e refletir pelas ruas da infância e do presente. Momentos de profunda sensibilização, emoção e virtuosismo técnico. Tomada de posição face às reminiscências, das reflexões, concepções, teorias, referências e a necessidade premente de opinar, definir, decidir o que foi decodificado, decifrado e identificado e ressignificado. Expressões de tensão, ansiedade, prazer e plenitude. Excelência e exuberância de suas linhas, traços, cores fragmentos, busca de uma identidade que se encontra em constante processo de transmutação.

A obra expressa o momento particular, prático, teórico e produtivo da Selma, transeunte, autora, crítica, escritora, acadêmica e na perspectiva da especificidade do lócus e do tempo, a generalidade das interações entre macro e micro, do urbano paulistano do Ipiranga, as vivências e experiências no contexto da arte contemporânea da gravura, dos significados múltiplos, da construção e desconstrução das referências internacionais das realizações na arte alemã, inglesa, norte americana, italiana e latino-americana. Indícios de uma nova perspectiva, de uma nova abordagem e de uma avaliação crítica da trajetória da cidade, da obra e da própria autora.



Ilustração 2-DAFFRÉ. *Cartografia*, 2014. Prova única I/VI, 50X70cm

Cartografias, mapas da memória, ideogramas de um urbano saturado de significados para a autora, das marcas e sinais da arquitetura, da industrialização, da eletrificação, dos espaços de convivência daqueles da reflexão, dos locais da memória, dos espaços do transeunte, das figuras e personagens ausentes/ presentes na memória, no papel, nas cores, nas tintas e nos enquadramentos que se abrem e fecham pelo olhar da autora, mas que se concretizam efetivamente na relação com o observador e na fruição com o público.

Desta forma, Selma demonstra na prática, que não há obra de arte sem a interação da sensibilidade do autor com a perspectiva da sensibilidade do interlocutor, ou seja, a obra se materializa como fruição para quem analisa, a contempla e se transforma em co-autor.



Ilustração 3- DAFFRÉ. *Paisagem Urbana*, 2014. Matriz em metal 30x40cm.

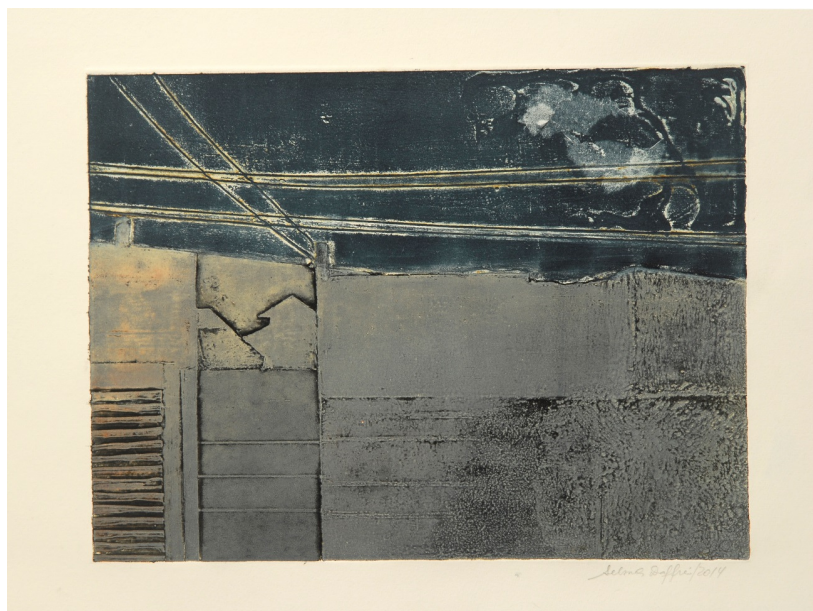


Ilustração 4. DAFFRÉ. *Paisagem Urbana*, 2014. Prova única IV/VI, 50x70 cm.

Assim, a obra de arte tem sua materialidade, na relação indissociável entre múltiplos olhares saturados de distintas temporalidades da memória, da percepção e das projeções do autor, do crítico, do público, como também das trajetórias de percurso destas relações, que se constroem e se desconstroem a cada momento e nos vários tempos que da produção e fruição traduzem e expressam.

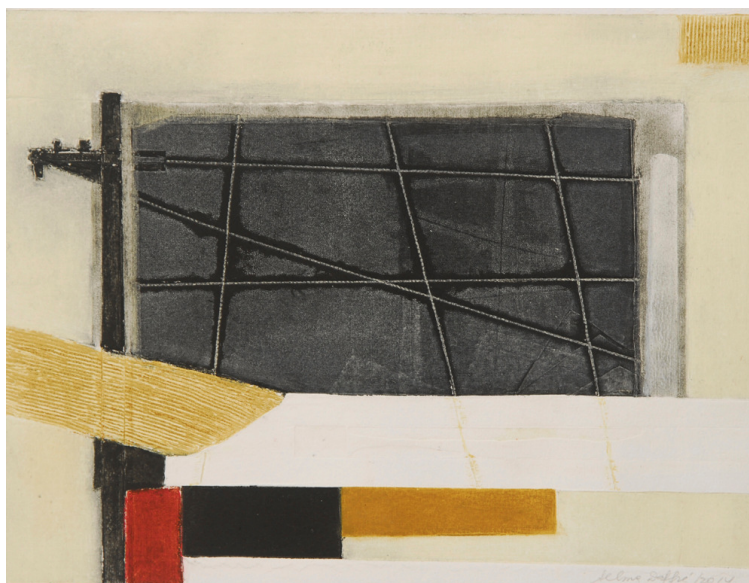


Ilustração 5- DAFFRÉ. *Postes e Fios*, 2013. Prova única I/VI, 50x70cm

Das percepções às imagens em transformação, longas trajetórias das técnicas, das reflexões, da cidade percorrida, revisitada, a cidade refletida, reelaborada, transformada. Da cidade ao atelier, angústias, tensões, sensações de alegria, prazer, êxtase e conflitos entre a memória, o presente e o futuro da produção na busca de uma cidade em uma arte e da arte nas cidades.

O Prof. Dr. ADILSON JOSÉ GONÇALVES é Produtor Cultural, Crítico de Arte, Pesquisador da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, entre outros.